

O retrato indígena na literatura de viagem de Visconde de Taunay¹

*Débora Mutter*²

Resumo

Os testemunhos dos viajantes, com bons comentários e críticas adequadas, colaboram para uma melhor e mais rica compreensão do passado. Porém, deve-se cuidar, para não cair na armadilha de aceitar as descrições e informações ali presentes como sendo o retrato fiel da realidade. Estas informações se constituem de representações, ou seja, de reinvenções de realidades, que foram produzidas a partir da visão de um sujeito, o viajante. Por outro lado, os relatos dos viajantes são capazes de atuar na mentalidade e na visão de mundo de uma sociedade, transformando assim o processo histórico. Desta forma, neste artigo propõe-se abordar como os indígenas foram retratados nas descrições\representações na literatura de viagem, tomando-se, como referência o viajante Alfred d'Escragnolle Taunay, mais conhecido como Visconde de Taunay em sua obra *A retirada da Laguna*³.

Palavras-chave: Taunay, Indígenas, Literatura de viagem.

Abstract

The testimony of travelers, with good comments and appropriate criticisms, collaborate for a better and richer understanding of the past. However, it is important be careful not to be wrong about some tricky information accepting them as they were a faithful description of reality. This information takes part of a representation, in other words, it is a reinvention of a reality, which has been conceived from the view of a subject, the traveler. On the other hand, reports of travelers are able to act in the way of thinking and worldview of a society, transforming the historical scenario. Therefore, this article intends to address how the Indians were described in the descriptions \ representations in travel literature, having as reference the traveler Alfred d'Escragnolle Taunay, better known as Viscount Taunay in his work

Keywords: Taunay, Indians, Travel Literature.

¹ Artigo escrito para a disciplina Literatura, Urbanização e Imigração V, ministrada pela Professora Dra. Núncia Santoro de Constantino, tendo como tema principal; Literatura de Viagem como fonte Histórica.

² Graduada em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2009). Atualmente é aluna do programa de pós-graduação em História – nível mestrado na PUCRS.

³ TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *A Retirada da Laguna*. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d

Conhecendo o viajante Taunay

Com a finalidade de fazer o leitor conhecer o singular viajante abordado no presente texto, apresentar-se-á uma breve biografia⁴ de Alfred d'Escragnolle Taunay, pois considera-se que a compreensão de sua vida é de fundamental importância para entender a análise de sua obra. Visconde de Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1843, e faleceu também no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1899. Filho de Félix Emílio Taunay, barão de Taunay, e neto do famoso pintor Nicolau Antônio Taunay, um dos chefes da Missão Artística francesa de 1818. Seu pai foi um dos preceptores de D. Pedro II e durante muito tempo dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes. Pelo lado materno, era neto do Conde d'Escragnolle, emigrado da França por causa da Revolução.

Percebe-se assim, que foi criado em ambiente culto, eurocêntrico e impregnado de arte e literatura, assim, desenvolveu bem cedo a paixão literária e o gosto pela música e o desenho. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, no ano seguinte ingressou no curso de Ciências Físicas e Matemáticas da Escola Militar. Alferes-aluno em 1862, bacharel em matemáticas em 1863, foi promovido a segundo-tenente de artilharia em 1864,

⁴ <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/ViscondedeTaunay/ViscondedeTaunay.htm>. Disponível dia 03/06/2010 as 23h e 30 min. A maior parte das informações foi retirada do site apresentado, e cedida ao mesmo pela Academia Brasileira de Letras.

inscrevendo-se no 20 ano de Engenharia Militar, que não terminou, por receber ordem de mobilização, com os outros oficiais alunos, em 1865, no início da Guerra do Paraguai.

Posteriormente foi incorporado à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, para trazer ao governo imperial notícias do corpo expedicionário de Mato Grosso, que se supunha perdido e aniquilado⁵. Trouxe da campanha inspiração para a maior parte dos seus escritos. Terminada a guerra, foi promovido a capitão, e terminou o curso de Engenharia, passando a professor de geologia e mineralogia da Escola Militar. Por indicação do Visconde do Rio Branco, candidatou-se a deputado geral pelo Estado de Goiás, que o elegeu para a Câmara dos Deputados em 1872, mandato que foi renovado em 1875. Foi de 1876 a 1877, presidente da província de Santa Catarina. Taunay, nunca mais retornaria ao serviço ativo do Exército. Promovido a major em 1875, demitiu-se do posto em 1885, já tomado por atividades na política e nas letras. Em 1878, com a queda do Partido Conservador, do qual era militante, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos.

De volta ao Brasil em 1880, iniciou uma fase de intensa atividade em prol de medidas como o casamento civil, a imigração, a libertação gradual dos escravos, a naturalização automática de estrangeiros. Dedicou-se a vida política intensa-

⁵ Onde escreveu a Retirada da Laguna, obra escolhida para ser analisada neste texto.

mente neste período, até a proclamação da República que lhe cortou a carreira política, dada a fidelidade com que permaneceu monarquista até a morte. Na imprensa da época há numerosos artigos seus que se destinavam a pôr em destaque as virtudes do imperador banido e do regime que a República destruíra.⁶

Taunay foi patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem de letras. Teve a inteira realização do seu talento no terreno literário. Sua obra abrange, além do romance, as narrativas de guerra e viagem, descrições, recordações, depoimentos, artigos de crítica e escritos políticos. Foi também pintor, restando dele telas dignas de estudo. Era grande apaixonado pela música, tendo deixado várias composições. Estudioso da vida e da obra dos grandes compositores manteve com escritores e jornalistas polêmicas sobre essa arte, de maneira especial com Tobias Barreto.⁷

⁶ Idem. Em seus escritos o enaltecimento da monarquia também se faz muito presente.

⁷ Suas principais obras são; a Mocidade de Trajano, romance (1870); A retirada da laguna, narrativa de campanha (1872, edição francesa; 1874, edição brasileira, traduzida pelo autor); Inocência, romance (1872); Lágrimas do coração, romance (1873); Histórias brasileiras, contos (1874); Ouro sobre azul, romance (1875); Narrativas militares, contos (1878); Céus e terras do Brasil, evocações (1882); Estudos críticos, 2 vols. (1881 e 1883); O encilhamento, romance (1894); No declínio (1899). TEATRO: Da mão à boca se perde a sopa (1874); Por um triz coronel (1880); Amélia Smith (1886). Taunay também teve publicadas algumas obras póstumas, entre as quais se destacam; Reminiscências (1908); Trechos de minha vida (1911); Viagens de outrora (1921); Visões do sertão, descrições (1923); Dias de guerra e do sertão (1923); Homens e coisas do Império (1924). Em sua bibliografia constam ainda obras de história, e etnologia brasileira e sobre questões políticas e sociais.

Uma literatura singular

Taunay no decorrer de sua obra apresenta algumas literaturas de viagem interessantes, entre elas a *Retirada de Laguna*. Sobre os depoimentos dos viajantes Heloisa J. Reichel⁸ afirma que, atualmente, estão sendo estudados por especialistas de vários campos do conhecimento, podendo-se destacar o campo da história, da crítica literária e da antropologia. A autora continua afirmando que, na historiografia latino-americana, há muito tempo, a literatura dos viajantes é considerada fonte importante de pesquisa, pois oferece descrições pormenorizadas sobre a economia, sociedade e cultura da América Latina. Por fim, Heloisa J. Reichel assegura que as obras dos viajantes vêm sendo especialmente citadas na História, pois oferecerem subsídios para algumas temáticas que preocupam aos historiadores, como o cotidiano, os estudos de gênero, os de grupos étnicos, entre outros.

Essas mudanças se devem em grande parte a corrente da Nova História, que iniciou na França a partir dos Annales.

Conforme Peter Burke, a corrente da nova história surge fazendo uma contraposição aos paradigmas da corrente tradicional da história. O autor define a corrente tradicional como essencialmen-

⁸ REICHEL, Heloisa Jochims. *Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história*. Resumo de comunicação XIII Congresso do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. s.d. <http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/6oJochimsReichel320.pdf> Disponível dia 03/06/2010 às 22h e 12 min.

te política, se interessando apenas pelos assuntos relacionados com o estado, sendo esta, uma história de cunho nacionalista. Por outro lado, a corrente da nova história, passa a se interessar por toda e qualquer atividade humana.

Assim a corrente historiográfica da Nova História passa a se interessar por outros temas, passando a levar em consideração as constituições culturais e condições sociais dos indivíduos, o que está expresso de certa forma na literatura dos viajantes. Desta forma, a Guerra do Paraguai, também se constitui em um acontecimento que foi produto das relações culturais entre vários grupos sociais, um dos quais, os indígenas. Na literatura de viagem de Taunay, destacam-se duas etnias, a Terena e Guaicuru, sendo que, ambas foram de grande ajuda aos soldados brasileiros no episódio da Retirada da Laguna na Guerra do Paraguai. Assim, toda vez que se tiver contato com o texto de um viajante, esses são pontos a se considerar.

O autor Antônio Cândido⁹ alerta para o significado de visão do outro que as representações de viajantes europeus representam. Segundo ele: “*o europeu que chega se comporta geralmente como se fosse um foco absoluto. Ele detém conceitos, preconceitos e noções, mediante os quais vai organizar o mundo novo, e que é tão diverso do seu.*” Desta forma, percebe-se que os relatos dos viajantes se constituem em poderes capazes de atuar

na mentalidade e na visão de mundo de uma sociedade, transformando o processo histórico.

Jean-Jacques Rousseau afirma, em relação aos viajantes da fase anterior ao cientificismo que:

Há trezentos ou quatrocentos anos que os habitantes da Europa inundam as outras partes do mundo e publicam novos relatos e narrativas de viagem, e estou persuadido de que os únicos homens que conhecemos são os próprios europeus.¹⁰

Pode-se perceber assim que, para Rousseau, o viajante precisaria ser um homem instruído, curioso, com vontade de descobrir a especificidade de cada povo e de cada lugar, sendo que, para isso, precisa deixar de lado o etnocentrismo europeu. Os viajantes buscavam conhecer e dar a conhecer os lugares estranhos, as terras selvagens, ricas de pitoresco, ou simplesmente com diferentes fisionomias e costumes, porém, tudo era descrito através de um olhar próprio, pré-constituído anteriormente. O movimento romântico, por sua vez, também valorizava o diferente e o exótico. Por isso, foi o período em que estiveram em voga, na pintura e na literatura, as paisagens, as etnias e as culturas consideradas exóticas ou diferentes do padrão europeu.¹¹

⁹ LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Belo Horizonte,: UFMG, 1996. p.1

¹⁰ Apud TODOROV, T. *Nós e os outros*. Vol.1 Rio de Janeiro,: Jorge Zahar, 1993. p.30.

¹¹ REICHEL. Heloisa Jochims. *Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história*. Resumo de comunicação XIII Congresso do Programa de Pós-Graduação em História da

Um grupo considerado exótico por grande parte dos viajantes que estiveram na América foram os indígenas. Porém, é preciso considerar que os grupos indígenas também foram agentes históricos, construíram e agiram no mundo e espaço em que viveram, fazendo parte da história, mesmo que esta muitas vezes não seja reconhecida. As ações destes grupos indígenas afetavam o mundo no qual eles viviam, assim como o ambiente também influenciava suas ações e ajudava a formar sua identidade. Desta forma, o viajante também participava deste processo de afetar e ser afetado. Ao mesmo tempo em que seus escritos, a sua visão poderiam influir sobre um determinado grupo, o grupo agia sobre ele, mesmo que de forma silenciosa.

Mary Louise Pratt, utiliza o termo zona de contato para definir o que Homi Bhabha chamou de entre-lugar¹². De acordo com a autora, trata-se de uma “[...] tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam”¹³. A utili-

zação do termo contato feita por Pratt salienta as dimensões de interrelação e improvisação dos encontros coloniais, os quais são facilmente ignorados ou suprimidos nos relatos produzidos pelos conquistadores.

A literatura de viagem está sendo muito usada por vários campos do conhecimento, porém uma definição do que é a “Literatura de Viagem” é algo que está em debate constante. A propósito de uma tipologia da Literatura de Viagem, Cristóvão afirma que:

Em função, pois, da existência de uma Literatura de Viagens, é possível esboçar, também *a posteriori*, uma tipologia de caráter temático. Propomo-la repartida por cinco itens principais: viagens de peregrinação, de comércio, de expansão (estas, seriadas por expansão política, religiosa, científica), de viagens de erudição, formação e de serviços, de viagens imaginárias.¹⁴

O viajante escolhido para análise no presente texto, Visconde de Taunay, pode ser enquadrado dentro da última das tipologias apresentadas pelo autor, a das “Viagens eruditas, de formação e de serviço”. Taunay, ao escrever *A Retirada da Laguna*, estava a serviço do Conde d’Eu, comandante das forças armadas brasileiras, para fazer um diário do campo de batalha durante a retirada do campo de Laguna, episódio ocorrido na Guerra do Paraguai.

UNISINOS. s.d. <http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60JochimsReichel320.pdf> Disponível dia 03/06/2010 às 22h e 12 min.

¹² De acordo com Homi Bhabha, o *entre-lugar* é o “[...] terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletivas – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”. BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 20.

¹³ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999, p. 32.

¹⁴ CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens, estudos e biografias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999. p.39.

Segundo Cristóvão, estes viajantes como Visconde de Taunay são singulares, diferentes dos outros, pois não existe neles o espírito de aventura, e nem pretendem realizar atos de coragem para serem lembrados. O autor diz que, em geral são príncipes, eruditos, artistas, eclesiásticos, intelectuais críticos que “*não se acomodam a estreiteza política cultural, religiosa ou artística dos seus países, desejosos de encontrar fora de fronteiras o que lhes falta dentro. Por meio de escritos irão contribuir para a renovação cultural dos seus concidadãos*”¹⁵. Desta forma, sobre as viagens de cunho funcional, como é o caso de Visconde de Taunay, Cristóvão diz que:

A viagem de serviço público dos funcionários reais em missões e comissões de inspeção ou diplomáticas, a dos visitantes eclesiásticos a dioceses e mosteiros, ou a de altos funcionários administrativos controlando o fluxo dos negócios e o zelo de outros funcionários alargam o âmbito do intercâmbio social do saber e do saber fazer.¹⁶

Na obra, *A retirada da Laguna*, Alfredo de Taunay, fez o papel de diarista, colheu informações e anotou impressões da viagem e da guerra, exercício que possibilitou a produção parte de sua literatura. Visconde de Taunay era de família estreitamente vinculada a Pedro II, e desta forma, viajou movido também pelo dever, em posição quase que missionária.

Método e Apreciação

Para analisar a obra de Taunay, foram criadas categorias de análise, conforme proposto na obra de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi.¹⁷ As categorias escolhidas para análise da obra *A retirada da Laguna*, foram; *Nacionalismo, Eurocêntrismo, Exótico e pitoresco, Paisagem e Indígenas*. Inferindo que o foco maior da pesquisa se dá na categoria Indígena.

Na produção dos textos a partir da análise, a estrutura textual foi construída a partir das categorias antes citadas, buscando uma teorização do que foi investigado. Esta etapa de produção textual resultante da categorização construiu a estrutura básica da análise dos dados buscando a compreensão do fenômeno investigado, denominada como metatextos.

Sintetizando o processo utilizado na pesquisa, Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi dizem que:

A análise textual discursiva, culminando numa produção de metatextos, pode ser descrita como um processo emergente de compreensão, que se inicia com um movimento de desconstrução, em que os textos do “corpus” são fragmentados e desorganizados, seguindo-se um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução, com emergência de novas compreensões que, então, necessitam ser comunicadas e validadas cada vez com maior clareza em forma de produções

¹⁵ CRISTÓVÃO, Fernando. 1999. p.49.

¹⁶ Idem, p.50.

¹⁷ MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual: discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.

escritas. Esse conjunto de movimentos constitui um exercício de aprender em que lançamos mão da desordem e do caos para possibilitar a emergência de formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados.¹⁸

Este ciclo permite uma reconstrução de conhecimentos além de formação de novas compreensões a respeito do fenômeno pesquisado, transformando em uma produção textual. O envolvimento da pesquisadora ou pesquisador ao material de análise e a participação ativa junto à produção e interpretação textual, o que resulta em uma produção original a respeito do tema abordado ao longo do trabalho, emergindo assim em novas formas de entendimento do fenômeno.

Desta maneira, a partir da categorização, desmontagem do texto, criação das categorias de análise e produção do metatexto, percebe-se que Taunay importou para a obra *A Retirada da Laguna*, um profundo sentimento de nacionalidade, característico do período monárquico brasileiro e de seu partidarismo político fiel a monarquia. O viajante Taunay escreve enfatizando os tipos humanos, principalmente os “bravos soldados brasileiros que lutam com coragem e determinação”¹⁹. Nessas passagens nota-se com nitidez esse sentimento de nacionalidade recentemente mencionado. Para o viajante, não existe bravura e determinação maior do que as que apresentam os soldados brasileiros

no ato de lutar para defender sua pátria. Mesmo passando por privações eles seguem firmes a combater, como podemos perceber nas palavras de Taunay:

Mais nobre mais eloquente fórmula não se poderia encontrar para, em perene rememoração, perante a nação, recordar os serviços de sangue e de paz prestados a Pátria Brasileira pelo historiador do inesquecível feito daqueles guerreiros seus irmãos de armas, de cujos sacrifícios foi comparte. Desses soldados da Constância e do Valor, que, acabrunhados por inexcedíveis privações, perseguidos por inimigo cruel e incomparavelmente mais forte, cercados pelo incêndio, dizimados pela cólera e os combates, exinanidos de forças, mas nunca de ânimo, salvaram as bandeiras e os canhões que o Brasil lhes confiara...²⁰

Taunay era um viajante singular, escrevia como alguém que pintava e participou intensamente da construção imagética de Mato Grosso. Em sua Obra faz grande exaltação ao território brasileiro. Suas descrições da paisagem de Mato Grosso chamam a atenção pela riqueza de detalhes. Taunay escreve destacando uma natureza exótica, pitoresca de Mato Grosso de forma a exaltar as qualidades do local e do Brasil. Sua narrativa não fica para trás, pois, a riqueza de detalhes é uma característica marcante de sua escrita, como também de seus desenhos e pintura, devido às fortes influências do movimento romântico em seu estilo literário. Podemos perceber ambos nas seguintes palavras do escritor:

¹⁸ Ibid, p. 74.

¹⁹ Retirada da Laguna. p.10; 13;29;41 (...)

²⁰ TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *A Retirada da Laguna*. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d p.13.

Tão brilhante, tão suave a luz que a toda aquela paisagem cobre que, involuntariamente, vem a imaginação emprestar a sua magia a este **irresistível conjunto dos encantos da terra e do céu**. Apertadas entre altas ribanceiras, cobertas de taquaruçus, correm as águas frescas do Nioac **sobre um leito quase contínuo, de grés vermelho, disposto em grandes lajes; e, em vários lugares, é a ação da correnteza sobre a pedra tão notável, que se recomenda à atenção e ao estudo do geólogo**.

Mas quem, sábio ou artista, não acharia farta messe nestes campos admiráveis? **Na extensão das dez léguas** que separam a Forquilha de Nioac têm os terrenos nível inferior aos que precedem Lauiad, muito embora jamais possam, em tempo algum, ser invandidos pela inundação. São, pelo contrário, **secos e cobertos de pedregulho, como de macadame natural. Nos cerrados surgem os piquis, frequentes; há também uma grande árvore que se cobre de bagas açucaradas e agradáveis, a que chamam fruta-de-veado. Não se mostram os jacarandás**, também, aí raros.²¹

Na literatura de viagem de Taunay é comum ver o tratamento diferenciado dado ao indígena. Na obra *A Retirada da Laguna*, o indígena aparece sempre subjugado a vontade dos capitães e dos soldados brancos. O indígena é retratado extremamente necessário às tropas brasileiras, pois dele dependia todo o trabalho que não era incumbência dos soldados, além das missões de reconhe-

cimento e a linha de frente nas batalhas. Com isso, pode-se perceber que o indígena sempre era relegado aos afazeres mais árduos e perigosos, para poupar os soldados brancos brasileiros. Desta forma, destacam-se algumas passagens da obra, onde se pode constatar o que foi apresentado:

Recebeu logo o 17.º batalhão ordem de ir, além do ponto atingido pelo 21.º, **realizar um reconhecimento, sob a direção do guia Lopes e em companhia de um grupo de índios Terenas e Guaicurus**, que desde algum tempo se apresentara ao Coronel. A 10 de abril, realizou-se a partida, bandeiras desfraldadas e música à testa, espetáculo sempre imponente em vésperas de combate. **Graças ao comandante apresentava-se o corpo em pé de disciplina**, que em qualquer ponto o tornaria notado.²²

Esta passagem, atenta para o fato de que os indígenas constantemente eram empregados em missões de reconhecimento de território. Esse tipo de missão é muito perigosa, por ser alvo fácil para emboscadas do inimigo. Na passagem a ser apresentada abaixo, temos mais uma passagem que mostra claramente os indígenas como frente nas missões de reconhecimento de terreno, sempre a frente dos soldados brasileiros e do próprio Visconde de Taunay.

²¹ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d.p.25. Grifo Nosso.

²² Grifo nosso. TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d.p. 37

(...)léguas à frente, encontramos uma construção em forma de galpão ou cabana que evidentemente acabava de ser abandonada por uma ronda inimiga. Erguia-se-lhe ao lado um destes mastros de vigia a que os paraguaios chamam mangrulhos, grosso esteio ou travejamento de toscos madeiros, pelos quais trepam para descortinar, ao longe, os terrenos circunvizinhos. **Haviam os nossos índios Guaicurus avançado até ali, anteriormente, num reconhecimento do tenente-coronel Enéias Galvão.** Desta vez fizeram os selvagens, nossos aliados, alegre fogueira do tal mastro e da choupana.²³

Em outra passagem da obra, Taunay apresenta os indígenas dentro de uma visão eurocêntrica do índio preguiçoso, dizendo que não tinham vontade de combater, e faziam o passo pequeno para andar em marcha, ao contrário do que ocorria nos momentos do saque, onde eram os primeiros a iniciá-lo.

Os auxiliares índios, Guaicurus e Terenas, não foram os últimos a se apresentar para o saque. Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhe tomarmos a frente, lhes bradáramos: Vamos! Avante! Valentes camaradas! Agora se lhes transmutara a indolência num ardor sem limites para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo²⁴.

O autor continua sua descrição, revelando que os indígenas não serviam muito bem ao combate, como os soldados brasileiros, portanto eram incumbidos de carregar as celas dos cavalos. Na obra o autor se refere aos indígenas como auxiliares, nunca como soldados, nem mesmo quando ajudavam em batalha eram chamados de soldados.

Iluminados por uma aurora magnífica percebíamos, aos nossos pés, os nossos soldados correndo pelo campo, para o local do combate; **mais longe, os índios Terenas e Guaicurus, que depois de se haverem comportado nesta refrega como bravos auxiliares, carregavam agora aos ombros os despojos dos cavalos tomados aos paraguaios.**²⁵

Certo é que poucas horas mais tarde, durante a marcha, foi lançado morto à estrada. **Enterramos todos os nossos cadáveres em covas que mandamos abrir pelos índios. Quanto aos paraguaios, deixamos tal encargo aos seus compatriotas**²⁶.

Essa visão do indígena perpassa toda a obra, o que é muito saliente na passagem onde Taunay aborda a maldade da qual os indígenas eram imbuídos, ao profanarem os cadáveres paraguaios e quando repreendidos quanto a este fato, maltratam os cavalos.

²³ Ibid, p. 44. Grifo nosso.

²⁴ Ibid. P.52. Grifo nosso. Não se deve estranhar este comportamento por parte dos indígenas, pois

certamente, lhes interessava muito mais obter alimentos do que lutar pela pátria, dadas as condições precárias de alimentação que se encontravam nos campos de batalha e acampamentos do exército.

²⁵ Ibid, p.67. Grifo nosso.

²⁶ Ibid, p.88. Grifo nosso.

Os cadáveres paraguaios não arastados pelo laço dos compatriotas foram, todos, achados mutilados e de modo hediondo. A propósito de tais profanações fez o Coronel violentas exprobrações aos índios, acenando-lhes até com a pena capital, se acaso, daí em diante, desrespeitassem os mortos. Tais a sua indignação e o pavor aos selvagens inculcado, que até o fim da campanha, ficamos livres de semelhante espetáculo, e isto quando já o nosso chefe deixara de existir²⁷.

Felizmente, dominados pela impressão das ameaças do Coronel, a propósito das mutilações infligidas aos cadáveres, **abstiveram-se os nossos índios de tocar em qualquer forma humana animada ou inanimada.** Por isto mesmo redobramos de crueldade para com os cavalos, dos quais não poupamos sequer um só, estivesse ele estendido no chão, a dar sinais de vida, ou, então, ligeiramente feridos, a pastar, todo ajazeado ainda²⁸.

Por fim, nas notas o autor ao fazer soma dos mortos em batalha ou pela cólera, cita passageiramente os indígenas que tanto auxiliaram as tropas. Não fazendo a soma do número de mortos, apenas afirmando que morreram em grande número.

Nota 9. No dia da invasão do território paraguaio, isto é, em abril de 1867, era efetivo da coluna de 1680 soldados. A 11 de junho reduzira-se a 700 combatentes. Perdêramos, pois 908 soldados pela cólera e o fogo. **Morrera, além disto,**

²⁷ Ibid. p.72. Grifo nosso.

²⁸ Ibid. p.86. Grifo nosso.

grande número de índios, mulheres e homens negociantes ou camaradas que haviam acompanhado a marcha agressiva do nosso corpo.²⁹

Há outras obras de Taunay que revelam outras visões sobre os índios³⁰, portanto vale pontuar que, *A Retirada de Laguna*, é uma obra claramente inserida dentro de um objetivo determinado. Ao partir para o Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai, Taunay tinha-se proposto, ao lado de cumprir seus deveres militares, registrar fatos relevantes, sobretudo para a história militar e tudo quanto de notável observasse quanto à natureza e à população das regiões que percorreria. Em obras posteriores *A Retirada da Laguna*, os índios despertaram-lhe a atenção, dedicando-se ao estudo de seus costumes e organizando vocabulários³¹.

Sem dúvida posição de destaque na história do pensamento do século XIX no Brasil cabe a Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843-1899), homem de múltiplos interesses, militar, político, administrador, escritor de grande popularidade e lente de escola superior, nobilitado com o título de

²⁹ Ibid. p. 166. Grifo nosso.

³⁰ Podemos citar duas obras que tendem a demonstrar visões distintas da encontrada em *A Retirada da Laguna* que são: 1) A. d'Escagnolle Taunay, *Memórias do Visconde de Taunay*: São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948. 2) TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Entre os nossos índios*. São Paulo, 1931.

³¹ Embora tendo perdido manuscritos na ocupação paraguaia da vila de Nioac, em 1867, Taunay conseguira recuperar materiais que lhe permitiu incluir um vocabulário da língua Chané ou Guaná como anexo às *Scenas de viagem*, sua primeira obra impressa (Rio de Janeiro: Tipografia Americana, 1868).

Visconde de Taunay. Desta forma, ao término deste texto, podemos perceber que Taunay foi realmente um viajante singular e mesmo imbuído de suas crenças e partidarismos políticos, ou seja das visões de sua época, escreveu uma literatura notável.

Referencial bibliográfico

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condiçantes culturais da literatura de viagens, estudos e biografias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999, p. 39.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual: discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999.

REICHEL. Heloisa Jochims. *Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história*. Resumo de comunicação

–XIII Congresso do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. São Leopoldo. s.d.

<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60JochimsReichel320.pdf> Disponível dia 03/06/2010 às 22h e 12 min.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d. <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/ViscondedeTaunay/ViscondedeTaunay.htm>. Disponível dia 03/06/2010 às 23h e 30 min.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Entre os nossos índios*. São Paulo, 1931.

TODOROV, T. *Nós e os outros*. Vol.1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Submetido em: 10 de Junho de 2010
Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

